



AVISO IMPORTANTE:

Este é um Material de Demonstração

Este arquivo é apenas uma amostra do conteúdo completo da Apostila.

Aqui você encontrará algumas páginas selecionadas para que possa conhecer a qualidade, estrutura e metodologia do nosso material. No entanto, **esta não é a apostila completa.**

POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?

- ✖ Conteúdo totalmente alinhado ao edital
- ✖ Teoria clara, objetiva e sempre atualizada
- ✖ Exercícios comentados, questões e mapas mentais
- ✖ Diferentes práticas que otimizam seus estudos

Ter o material certo em mãos transforma sua preparação e aproxima você da APROVAÇÃO.

Garanta agora o acesso completo e aumente suas chances de aprovação:
<https://www.editorasolucao.com.br/>



PÃO DE AÇÚCAR - AL

PREFEITURA DE PÃO DE AÇÚCAR - ALAGOAS

Professor de Educação
Infantil e do 1º ao 5º ano

EDITAL N° 01/2025

CÓD: SL-006JH-25
7908433276777

Língua Portuguesa

1. Fonologia (conceitos, encontros vocálicos, dígrafos, divisão silábica)	9
2. Ortoépia, prosódia	14
3. Acentuação	14
4. Ortografia	16
5. Morfologia (estrutura e formação de palavras)	20
6. Classes de palavras e suas flexões	22
7. Sintaxe (termos da oração, período composto, classificação de orações)	31
8. Concordância verbal e nominal	35
9. Regência	36
10. Crase	39
11. Pontuação	39
12. Semântica (significação de palavras, sinonímia, antonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação)	41
13. Figuras de linguagem	46
14. Interpretação e Análise Textual (compreensão global)	48
15. Ideias principais e secundárias	49
16. Inferências	50
17. Coesão, coerência	52
18. Gêneros textuais	54
19. Variedades linguísticas	63
20. Redação Oficial (elaboração de correspondências, ofícios, circulares e protocolos)	64

Raciocínio Lógico Matemático

1. Raciocínio Lógico e Quantitativo: Operações com conjuntos	85
2. Divisão proporcional, razão e proporção	88
3. Regras de três	91
4. Porcentagem	92
5. Relação entre grandezas: tabelas e gráficos	94
6. Princípio Fundamental da Contagem. Noções de probabilidade	100
7. Estatística	105
8. Pensamento indutivo e dedutivo. Equivalência lógica e negação de proposições. Implicação lógica. Associação lógica ...	106
9. Lógica da argumentação	112
10. Pensamento crítico e a lógica analítica	115

História e Geografia de Pão de Açúcar

1. Origens e Formação Histórica: os primeiros povoados e a ocupação do território	121
2. Influência indígena e dos bandeirantes na região	126
3. O surgimento do povoado de Pão de Açúcar e sua relação histórica e econômica com o Rio São Francisco	129
4. Emancipação Política e Desenvolvimento: elevação à categoria de vila no século XIX	133

5. Emancipação política em 24 de abril de 1877	136
6. Importância econômica no contexto da navegação fluvial e comércio regional	140
7. Movimentos migratórios e influência cultural de portugueses, indígenas e africanos na formação local	143
8. Patrimônio Cultural e Figuras Notáveis: arquitetura histórica, símbolos municipais como a Igreja Matriz e prédios antigos, personalidades que marcaram a história local, incluindo políticos, artistas e líderes comunitários	146
9. Geografia de Pão de Açúcar: localização geográfica e limites territoriais, aspectos físicos do município como clima, relevo, vegetação e hidrografia com destaque para o Rio São Francisco, aspectos demográficos atuais, principais atividades econômicas incluindo agricultura, pecuária, comércio, serviços e turismo, divisão administrativa e organização territorial	150
10. Cultura e Tradições: festas populares, festejos juninos, vaquejadas, manifestações culturais e patrimônio imaterial	153

Informática

1. Conceitos básicos da tecnologia da informação	159
2. Componentes de hardware e software de computadores e suas características	160
3. Operação, configuração e conceitos fundamentais dos sistemas operacionais Windows 10 ou posterior e Linux (principais ambientes gráficos, gerenciamento de arquivos e permissões, operações básicas e configurações de rede)	163
4. Editores de texto: Microsoft Word 2016 ou posterior e LibreOffice Writer	189
5. Planilhas eletrônicas: Microsoft Excel 2016 ou posterior e LibreOffice Calc	207
6. Navegação na Internet: utilização de navegadores (Google Chrome, Mozilla Firefox e Mozilla Firefox ESR – versão utilizada em muitos órgãos públicos), conceitos de URL, hiperlinks e mecanismos de busca	226
7. Segurança na Internet: noções de proteção contra vírus, malwares, phishing, engenharia social e boas práticas de segurança digital no ambiente institucional	230
8. Correio eletrônico: utilização, envio, recebimento e gerenciamento de mensagens; anexos e protocolos de segurança no uso de e-mail institucional	234

Conhecimentos Didático-Pedagógicos

1. Psicologia da educação, da aprendizagem e do desenvolvimento, incluindo neurociência	241
2. Planejamento e organização do trabalho pedagógico	248
3. Gestão democrática na escola	249
4. Teoria e prática de currículo, incluindo o projeto político-pedagógico	253
5. Interação entre escola, família e comunidade	254
6. Relações entre educação, sociedade e prática escolar	255
7. Educação em direitos humanos	256
8. Educação ambiental	259
9. Educação socioemocional	260
10. Educação integral	261
11. Educação especial/inclusiva	262
12. Educação a distância	269
13. Uso de tecnologias da informação e comunicação na educação	271
14. Práticas pedagógicas e construção do conhecimento	272
15. Didática e prática histórico-cultural	272
16. Tendências pedagógicas na prática escolar	273

17. Concepções didático-pedagógicas e prática educativa	275
18. Metodologias de ensino	275
19. Processos de ensino e de aprendizagem	276
20. Relação professor/aluno	277
21. Compromisso social e ético do professor	285
22. Prática docente e gestão escolar	286
23. Organização do trabalho pedagógico em sala de aula.....	287
24. Componentes do processo de ensino: objetivos, conteúdos, métodos, estratégias e meios.....	288
25. Competências gerais da educação básica	288
26. Avaliação e suas implicações pedagógicas.....	289
27. Organização do ensino na educação básica.....	290
28. Temáticas relevantes no contexto escolar brasileiro: evasão e abandono escolar	291
29. Comportamento e indisciplina.....	292
30. Defasagem da aprendizagem.....	293
31. Sucesso e fracasso escolar	294
32. Violência e drogas, entre outros	295
33. Dislexia, discalculia, disgrafia, tdah, tea, ansiedade e depressão infanto-juvenil, deficiências físicas, intelectuais e sensoriais, altas habilidades/superdotação, distúrbios da fala e linguagem	296
34. Base nacional comum curricular: introdução e estrutura.....	297
35. Parâmetros curriculares nacionais (pcns)	340
36. Base nacional comum curricular (bncc)	349

Conhecimentos Específicos

Professor de Educação Infantil e do 1º ao 5º ano

1. Conhecimentos Específicos das Áreas Curriculares: Língua Portuguesa: desenvolvimento da leitura, oralidade e produção textual; ensino da gramática em contexto; gêneros textuais.....	355
2. Matemática: resolução de problemas; raciocínio lógico; operações fundamentais; medidas, geometria e tratamento da informação.....	357
3. Ciências da Natureza: temas transversais (meio ambiente, saúde, energia, corpo humano); práticas experimentais e investigação científica	360
4. História e Geografia: identidade, cultura e sociedade; espaço geográfico e sua representação; temporalidade e fatos históricos significativos	363
5. Arte e Educação Física: linguagem artística e suas expressões; corpo, movimento e ludicidade na formação integral da criança.....	365
6. Tecnologias na Educação: Uso pedagógico das tecnologias digitais de informação e comunicação	367
7. Recursos digitais e inovação no processo de ensino-aprendizagem.....	369
8. Ética e Prática Profissional: Postura ética do professor no ambiente escolar	371
9. Relação escola-família-comunidade	373
10. Compromisso social, afetivo e cultural do educador com a formação cidadã dos alunos.....	378

LÍNGUA PORTUGUESA

FONOLOGIA (CONCEITOS, ENCONTROS VOCÁLICOS, DÍGRAFOS, DIVISÃO SILÁBICA)

A fonologia é o ramo da Linguística que se dedica ao estudo dos sons da fala em relação ao seu papel e função dentro de um sistema linguístico. Ao contrário da fonética, que se preocupa com os aspectos físicos e articulatórios dos sons, a fonologia investiga como esses sons se organizam e se relacionam para formar palavras e transmitir significados em uma determinada língua.

► Definição e Objetivo da Fonologia

A fonologia examina a estrutura sonora de uma língua, analisando como os sons funcionam para diferenciar significados e estabelecer relações entre as palavras. Ela é responsável por estudar os padrões sonoros que caracterizam a língua e a forma como os sons se combinam para criar unidades significativas de comunicação. É a fonologia que nos ajuda a compreender por que palavras como “casa” e “asa” têm significados diferentes, apesar de terem sons muito semelhantes.

Enquanto a fonética estuda os sons de maneira isolada e física, a fonologia se preocupa com os fonemas, que são as menores unidades sonoras capazes de distinguir significados. Por exemplo, as palavras “pato” e “gato” diferem apenas pelo fonema inicial (“p” e “g”), mas essa diferença é suficiente para alterar completamente o significado das palavras.

► Fonema e a Estrutura Fonológica

Os fonemas são a base do estudo fonológico. Eles são as menores unidades sonoras abstratas que, quando combinadas, formam as palavras de uma língua. É importante notar que os fonemas não são sons propriamente ditos, mas sim representações mentais dos sons que usamos para distinguir significados.

Por exemplo, na palavra “fato”, temos quatro fonemas: /f/, /a/, /t/ e /o/. Se alterarmos o fonema /f/ por /r/, temos uma nova palavra: “rato”. Essa substituição evidencia como os fonemas desempenham um papel crucial na formação de palavras e na comunicação de significados.

► Funções da Fonologia na Língua Portuguesa

A fonologia exerce diversas funções no estudo da língua portuguesa, sendo fundamental para a compreensão de fenômenos como:

- **Divisão silábica:** A fonologia determina como as palavras são segmentadas em sílabas, contribuindo para a correta pronúncia e escrita. Por exemplo, a palavra “janela” é dividida em sílabas da seguinte forma: ja-ne-la.

- **Acentuação e tonicidade:** A fonologia também se preocupa com a identificação da sílaba tônica (a mais forte) e das sílabas átonas (as mais fracas) de uma palavra. Na palavra “café”, por exemplo, a sílaba tônica é “fé”, enquanto “ca” é átona.

- **Processos fonológicos:** A fonologia estuda como certos sons podem mudar ou se adaptar em contextos específicos. Um exemplo é a assimilação, que ocorre quando um som adquire características de um som vizinho, como em “submarino”, em que o “b” influencia a pronúncia do “m”.

► A Relação entre Fonologia e Significado

A principal diferença entre fonética e fonologia reside na relação da fonologia com o significado. A fonologia é responsável por analisar como os sons contribuem para a formação de significados e como a alteração de um fonema pode resultar em uma mudança de sentido.

Por exemplo, as palavras “mato” e “pato” diferem apenas pelo fonema inicial (/m/ e /p/), mas essa diferença é suficiente para alterar completamente o significado das duas palavras. Esse é o tipo de análise que a fonologia faz, concentrando-se na relevância dos sons no contexto da comunicação e do sistema linguístico.

► Aplicações Práticas da Fonologia

O estudo da fonologia é essencial para áreas como a ortografia, a ortoépia (pronúncia correta das palavras), o ensino da língua portuguesa e o aprendizado de idiomas estrangeiros. Ao compreender como os sons se organizam e se relacionam em uma língua, é possível aprimorar a leitura, a escrita e a fala, evitando erros comuns de pronúncia e grafia.

Por exemplo, a fonologia ajuda a entender por que as palavras “cinto” e “sinto” têm grafias e significados diferentes, apesar de serem pronunciadas de maneira semelhante. Esse conhecimento é valioso para garantir o uso correto da língua e evitar confusões no momento da comunicação.

A fonologia é o estudo dos sons da língua em relação à sua função e ao seu papel no sistema linguístico. Enquanto a fonética se concentra nos aspectos físicos dos sons, a fonologia se preocupa com a organização, a estrutura e o significado que esses sons carregam. Ela é uma ferramenta indispensável para o entendimento do funcionamento da língua portuguesa e para o desenvolvimento de habilidades de comunicação eficazes.

DIFERENÇAS ENTRE FONÉTICA E FONOLOGIA

Embora a fonética e a fonologia sejam áreas inter-relacionadas dentro da Linguística e ambas tratem dos sons da fala, elas se diferenciam em vários aspectos, incluindo seus objetivos, métodos de análise e foco de estudo. Essas diferenças são essenciais para entender como a língua funciona em sua totalidade, desde a produção física dos sons até sua organização e função dentro de um sistema linguístico.

► Abordagem de Estudo

A principal diferença entre a fonética e a fonologia reside na abordagem adotada por cada uma:

▪ **Fonética:** Analisa os sons da fala de forma concreta e física. Seu foco é entender como os sons são produzidos (fonética articulatória), transmitidos (fonética acústica) e percebidos (fonética auditiva). A fonética não se preocupa com o significado dos sons, mas sim com as características articulatórias, auditivas e acústicas que eles apresentam.

▪ **Fonologia:** Estuda os sons de forma abstrata e se concentra em seu papel dentro do sistema linguístico. A fonologia investiga como os sons funcionam para distinguir significados e como se organizam em padrões e estruturas que formam as palavras e frases de uma língua. Sua preocupação é entender o papel dos sons (fonemas) e como eles interagem para criar significados.

Objetivo e Finalidade:

Outra diferença crucial está no objetivo de cada área:

▪ **Fonética:** Seu objetivo é descrever e catalogar os sons da fala em sua totalidade, fornecendo uma representação precisa de como esses sons são produzidos e percebidos. Por isso, a fonética utiliza o Alfabeto Fonético Internacional (AFI) para transcrever de forma precisa os sons de qualquer língua.

▪ **Fonologia:** Foca na função dos sons dentro de um sistema linguístico específico. A fonologia procura entender como os sons podem ser combinados, modificados e usados para criar palavras e significados. Ela não está interessada na produção física dos sons, mas sim na maneira como eles se relacionam para formar estruturas linguísticas significativas.

► Nível de Análise

A fonética e a fonologia trabalham em níveis de análise diferentes:

▪ **Nível da Fonética:** Lida com sons chamados de fones, que são as unidades físicas da fala. Cada som é estudado como uma entidade independente, e a fonética não se preocupa se o som tem ou não um papel na distinção de significado.

▪ **Nível da Fonologia:** Lida com os fonemas, que são as menores unidades sonoras capazes de diferenciar significados em uma língua. Os fonemas são abstrações dos sons e só ganham relevância quando contribuem para a diferenciação de palavras e significados.

Por exemplo, em português, as palavras “pato” e “bato” diferem pelo fonema inicial (/p/ e /b/). A fonologia estuda essa diferença e seu impacto no significado das palavras, enquanto a fonética se concentraria em como o som /p/ é produzido em comparação com /b/.

► Relação com o Significado

Uma diferença marcante entre fonética e fonologia é a relação com o significado das palavras:

▪ **Fonética:** Não se preocupa com o significado; sua análise é puramente descritiva e objetiva. Por exemplo, a fonética estudaria os sons de “acento” e “assento” e perceberia que ambos são pronunciados da mesma forma, pois o foco está na produção física dos sons, não no significado.

▪ **Fonologia:** Está diretamente relacionada ao significado e analisa como a mudança de um fonema pode resultar em palavras com significados diferentes. Na análise da fonologia, “acen-

to” e “assento” são claramente distintos, pois a fonologia considera o papel dos sons na formação de palavras e na transmissão de significado.

► Métodos de Estudo e Representação

Os métodos e ferramentas utilizadas em cada área também diferem:

▪ **Fonética:** Utiliza métodos experimentais, como gravações e análises acústicas, para estudar os sons. O uso do Alfabeto Fonético Internacional (AFI) é uma ferramenta fundamental para representar os sons de maneira precisa e uniforme.

▪ **Fonologia:** Utiliza métodos teóricos para compreender o sistema de sons de uma língua. A fonologia lida com categorias e regras abstratas que explicam como os fonemas se combinam e se organizam dentro de uma língua.

Exemplos Práticos que Diferenciam Fonética e Fonologia

▪ Na fonética, a palavra “casa” seria analisada em relação à forma como os sons [k], [a], [z] e [a] são produzidos, transmitidos e percebidos.

▪ Na fonologia, a mesma palavra “casa” seria estudada em relação ao papel que os fonemas /k/, /a/, /z/ e /a/ desempenham no sistema linguístico do português, e como a troca de um desses fonemas por outro pode alterar o significado da palavra, como em “cama”.

► Resumo das Diferenças em um Quadro Comparativo

Aspecto	Fonética	Fonologia
Foco	Produção e percepção dos sons	Função e organização dos sons
Objetivo	Análise física e concreta dos sons	Estudo abstrato e funcional dos sons
Unidades de Estudo	Fones (sons específicos)	Fonemas (unidades distintivas de significado)
Relação com o Significado	Indiferente ao significado	Relacionada ao significado
Método de Estudo	Experimental e descritivo	Teórico e sistemático
Representação	Alfabeto Fonético Internacional (AFI)	Abstrações fonológicas (fonemas)

► A Importância de Entender as Diferenças

Compreender as diferenças entre fonética e fonologia é crucial para o estudo da língua portuguesa e de outras línguas, pois ambas as áreas se complementam e fornecem uma visão completa de como os sons da fala são produzidos, percebidos e utilizados na comunicação. Enquanto a fonética nos dá uma compreensão detalhada dos sons como fenômenos físicos, a fonologia nos ensina como esses sons se organizam para criar significados, permitindo uma comunicação eficiente e precisa.

A fonética e a fonologia são como dois lados de uma mesma moeda: a primeira se dedica a estudar os sons em sua essência física e articulatória, enquanto a segunda se concentra em como

RACIOCÍNIO LÓGICO MATEMÁTICO

RACIOCÍNIO LÓGICO E QUANTITATIVO: OPERAÇÕES COM CONJUNTOS

Os conjuntos estão presentes em muitos aspectos da vida, seja no cotidiano, na cultura ou na ciência. Por exemplo, formamos conjuntos ao organizar uma lista de amigos para uma festa, ao agrupar os dias da semana ou ao fazer grupos de objetos. Os componentes de um conjunto são chamados de elementos, e para representar um conjunto, usamos geralmente uma letra maiúscula.

Na matemática, um conjunto é uma coleção bem definida de objetos ou elementos, que podem ser números, pessoas, letras, entre outros. A definição clara dos elementos que pertencem a um conjunto é fundamental para a compreensão e manipulação dos conjuntos.

Símbolos importantes

- $\in$: pertence
- $\notin$: não pertence
- $\subset$: está contido
- $\not\subset$: não está contido
- $\supset$: contém
- $\not\supset$: não contém
- $/$: tal que
- $\Rightarrow$: implica que
- $\Leftrightarrow$: se, e somente se
- $\exists$: existe
- $\nexists$: não existe
- $\forall$: para todo(ou qualquer que seja)
- $\emptyset$: conjunto vazio
- $\mathbb{N}$: conjunto dos números naturais
- $\mathbb{Z}$: conjunto dos números inteiros
- $\mathbb{Q}$: conjunto dos números racionais
- $\mathbb{I}$: conjunto dos números irracionais
- $\mathbb{R}$: conjunto dos números reais

Representações

Um conjunto pode ser definido:

- Enumerando todos os elementos do conjunto
 $S = \{1, 3, 5, 7, 9\}$

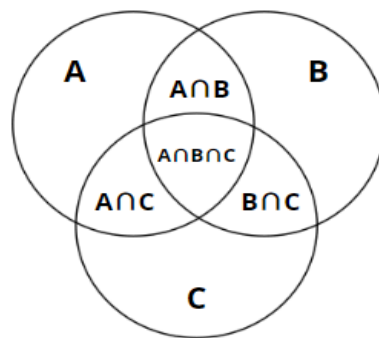
- Simbolicamente, usando uma expressão que descreva as propriedades dos elementos

$$B = \{x \in \mathbb{N} \mid x < 8\}$$

Enumerando esses elementos temos

$$B = \{0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7\}$$

Através do Diagrama de Venn, que é uma representação gráfica que mostra as relações entre diferentes conjuntos, utilizando círculos ou outras formas geométricas para ilustrar as interseções e uniões entre os conjuntos.



Subconjuntos

Quando todos os elementos de um conjunto A pertencem também a outro conjunto B, dizemos que:

- A é subconjunto de B ou A é parte de B
- A está contido em B escrevemos: $A \subset B$

Se existir pelo menos um elemento de A que não pertence a B, escrevemos: $A \not\subset B$

Igualdade de conjuntos

Para todos os conjuntos A, B e C, para todos os objetos $x \in U$ (conjunto universo), temos que:

- (1) $A = A$.
- (2) Se $A = B$, então $B = A$.
- (3) Se $A = B$ e $B = C$, então $A = C$.
- (4) Se $A = B$ e $x \in A$, então $x \in B$.

Para saber se dois conjuntos A e B são iguais, precisamos apenas comparar seus elementos. Não importa a ordem ou repetição dos elementos.

Por exemplo, se $A = \{1, 2, 3\}$, $B = \{2, 1, 3\}$, $C = \{1, 2, 2, 3\}$, então $A = B = C$.

Classificação

Chama-se cardinal de um conjunto, e representa-se por #, o número de elementos que ele possui.

Por exemplo, se $A = \{45, 65, 85, 95\}$, então $\#A = 4$.

Tipos de Conjuntos:

- **Equipotente:** Dois conjuntos com a mesma cardinalidade.
- **Infinito:** quando não é possível enumerar todos os seus elementos

- **Finito:** quando é possível enumerar todos os seus elementos
- **Singular:** quando é formado por um único elemento
- **Vazio:** quando não tem elementos, representados por $S = \emptyset$ ou $S = \{ \}$.

Pertinência

Um conceito básico da teoria dos conjuntos é a relação de pertinência, representada pelo símbolo $\in$. As letras minúsculas designam os elementos de um conjunto e as letras maiúsculas, os conjuntos.

Por exemplo, o conjunto das vogais (V) é
 $V = \{a, e, i, o, u\}$

- A relação de pertinência é expressa por: $a \in V$. Isso significa que o elemento a pertence ao conjunto V.
- A relação de não-pertinência é expressa por: $b \notin V$. Isso significa que o elemento b não pertence ao conjunto V.

Inclusão

A relação de inclusão descreve como um conjunto pode ser um subconjunto de outro conjunto. Essa relação possui três propriedades principais:

- Propriedade reflexiva: $A \subset A$, isto é, um conjunto sempre é subconjunto dele mesmo.
- Propriedade antissimétrica: se $A \subset B$ e $B \subset A$, então $A = B$.
- Propriedade transitiva: se $A \subset B$ e $B \subset C$, então $A \subset C$.

Operações entre conjuntos

1) União

A união de dois conjuntos A e B é o conjunto formado pelos elementos que pertencem a pelo menos um dos conjuntos.

$$A \cup B = \{x | x \in A \text{ ou } x \in B\}$$

Exemplo:

$A = \{1, 2, 3, 4\}$ e $B = \{5, 6\}$, então $A \cup B = \{1, 2, 3, 4, 5, 6\}$

Fórmulas:

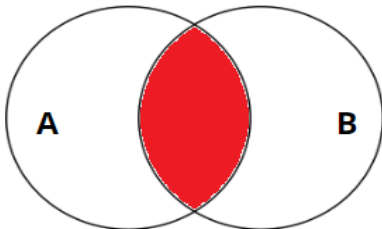
$$n(A \cup B) = n(A) + n(B) - n(A \cap B)$$

$$n(A \cup B \cup C) = n(A) + n(B) + n(C) + n(A \cap B \cap C) - n(A \cap B) - n(A \cap C) - n(B \cap C)$$

2) Interseção

A interseção dos conjuntos A e B é o conjunto formado pelos elementos que pertencem simultaneamente a A e B.

$$A \cap B = \{x | x \in A \text{ e } x \in B\}$$



Exemplo:

$A = \{a, b, c, d, e\}$ e $B = \{d, e, f, g\}$, então $A \cap B = \{d, e\}$

Fórmulas:

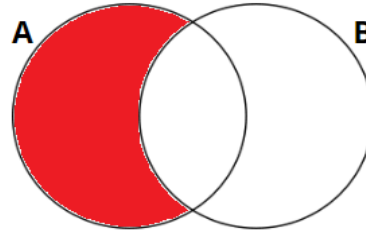
$$n(A \cap B) = n(A) + n(B) - n(A \cup B)$$

$$n(A \cap B \cap C) = n(A) + n(B) + n(C) - n(A \cup B) - n(A \cup C) - n(B \cup C) + n(A \cup B \cup C)$$

3) Diferença

A diferença entre dois conjuntos A e B é o conjunto dos elementos que pertencem a A mas não pertencem a B.

$$A \setminus B \text{ ou } A - B = \{x | x \in A \text{ e } x \notin B\}$$



Exemplo:

$A = \{0, 1, 2, 3, 4, 5\}$ e $B = \{5, 6, 7\}$, então $A - B = \{0, 1, 2, 3, 4\}$.

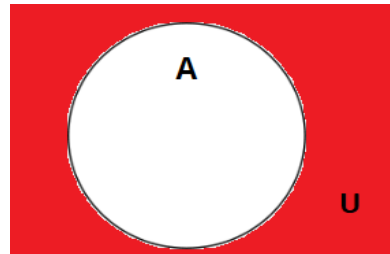
Fórmula:

$$n(A - B) = n(A) - n(A \cap B)$$

4) Complementar

O complementar de um conjunto A, representado por $\bar{A}$ ou A^c , é o conjunto dos elementos do conjunto universo que não pertencem a A.

$$\bar{A} = \{x \in U | x \notin A\}$$



Exemplo:

$U = \{0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7\}$ e $A = \{0, 1, 2, 3, 4\}$, então $\bar{A} = \{5, 6, 7\}$

Fórmula:

$$n(\bar{A}) = n(U) - n(A)$$

Exemplos práticos

1. (MANAUSPREV – Analista Previdenciário – FCC/2015) Em um grupo de 32 homens, 18 são altos, 22 são barbados e 16 são carecas. Homens altos e barbados que não são carecas são seis. Todos homens altos que são carecas, são também barbados. Sabe-se que existem 5 homens que são altos e não são barbados nem carecas. Sabe-se que existem 5 homens que são barbados e não são altos nem carecas. Sabe-se que existem 5 homens que são carecas e não são altos e nem barbados. Dentre todos esses homens, o número de barbados que não são altos, mas são carecas é igual a

HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PÃO DE AÇÚCAR

ORIGENS E FORMAÇÃO HISTÓRICA: OS PRIMEIROS POVOADOS E A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

CONTEXTO DA COLONIZAÇÃO DO SERTÃO NORDESTINO

A colonização do sertão nordestino é um dos capítulos mais importantes da formação histórica do Brasil interiorano. A partir do século XVII, o avanço rumo ao interior da Capitania de Pernambuco – à qual Alagoas esteve subordinada por muito tempo – foi motivado por transformações econômicas, sociais e geográficas.

Com a saturação e o declínio relativo da produção açucareira no litoral, o sertão passou a representar uma nova fronteira de exploração e domínio para os colonizadores portugueses. Esse processo foi marcado pela implantação de atividades agropecuárias, pelo confronto com populações indígenas e pela adaptação a um ambiente semiárido desafiador.

► A saturação do litoral e a busca por novas terras

Nos primeiros séculos da colonização, o litoral nordestino concentrou as maiores riquezas econômicas da colônia, com destaque para os engenhos de açúcar. Contudo, esse modelo monocultor dependia de mão de obra escravizada e grandes extensões de terra fértil, o que levou ao esgotamento de áreas disponíveis próximas ao mar. Além disso, o crescimento populacional nas zonas costeiras provocou pressão sobre os recursos e favoreceu a interiorização dos colonizadores.

Assim, os sertões, até então considerados de pouca utilidade para o modelo agrícola litorâneo, passaram a ser vistos como espaços promissores para a criação de gado, que exigia grandes áreas para pastagem, mas pouca intervenção no solo. A pecuária foi o grande motor da ocupação sertaneja.

► A pecuária como vetor da colonização

A criação de gado tornou-se uma das principais atividades econômicas do interior nordestino. Os primeiros currais e fazendas surgiram a partir de concessões de sesmarias – grandes lotes de terras doados pela Coroa portuguesa – para particulares que se comprometiam a ocupar e explorar a região.

Diferentemente do litoral, onde predominava a escravidão africana, o sertão adotou majoritariamente o trabalho familiar e a mão de obra livre pobre, como vaqueiros, pequenos lavradores e agregados. Isso gerou uma estrutura social menos hierarquizada, mas ainda marcada por profundas desigualdades.

As fazendas sertanejas não apenas produziam carne, couro e animais para tração, mas também funcionavam como entrepostos de abastecimento para os centros urbanos e as zonas açucareiras do litoral. Esse papel estratégico transformou o sertão numa engrenagem essencial do sistema econômico colonial.

► As rotas de gado e o surgimento de núcleos urbanos

Com a necessidade de transportar o gado do sertão para o litoral, formaram-se rotas comerciais conhecidas como “caminhos do gado”. Essas rotas atravessavam rios, chapadas e caatingas, estabelecendo pontos de parada e descanso que, com o tempo, se transformariam em arraiais, vilas e cidades.

O rio São Francisco, em especial, teve enorme importância nesse contexto. Como via navegável, ele permitia o escoamento da produção e conectava diversas regiões do interior, sendo vital para núcleos como Pão de Açúcar. A proximidade com o rio facilitava não apenas o transporte, mas também o abastecimento de água e o cultivo em áreas de várzea, mais férteis.

► O papel das ordens religiosas

O avanço pelo sertão também foi acompanhado pela atuação de ordens religiosas, como jesuítas e franciscanos. Seu objetivo oficial era catequizar os indígenas, mas suas missões também desempenhavam papel estratégico na ocupação territorial, funcionando como bases de fixação da presença portuguesa.

As missões religiosas criaram aldeamentos, que além de centros de catequese, abrigavam escolas, locais de culto e estruturas administrativas. Esses aldeamentos contribuíram para a sedentarização dos povos indígenas e a disseminação da fé católica, embora frequentemente implicassem na perda de autonomia e identidade dos nativos.

► Conflito e resistência indígena

A ocupação do sertão não ocorreu sem resistência. Povos indígenas, como os Xocós, Tupinambás, Jatobás e outros, resistiram à invasão de suas terras, à escravização e à imposição cultural. Houve inúmeros confrontos armados, fugas e estratégias de sobrevivência adotadas por essas populações.

Apesar da resistência, muitos grupos indígenas foram dizimados por doenças, guerras e pela perda de seus territórios. Outros foram assimilados pela cultura dominante, especialmente através das missões religiosas, resultando na gradual diminuição de sua presença autônoma no sertão.

O processo de colonização do sertão nordestino foi uma expansão gradual e complexa, impulsionada por interesses econômicos, pela necessidade de integração territorial e pelo controle estratégico de áreas até então “desconhecidas” para os colonizadores. A criação de gado, a formação de rotas comerciais, a presença do rio São Francisco e a atuação das ordens religiosas moldaram profundamente a configuração social e espacial do sertão.

Esse contexto é essencial para compreender o surgimento de cidades como Pão de Açúcar, cuja história está intrinsecamente ligada à lógica de ocupação do sertão brasileiro e aos desafios impostos por um território marcado por conflitos, resistência indígena e adaptações econômicas.

AS RAÍZES DA OCUPAÇÃO: POVOS INDÍGENAS E O ENCONTRO COM OS COLONIZADORES

Antes da chegada dos colonizadores portugueses, o território que hoje compreende Pão de Açúcar e seu entorno era habitado por diversas etnias indígenas, que mantinham uma relação harmoniosa com o meio ambiente e desenvolviam formas próprias de organização social, cultural e econômica.

Esses povos foram os verdadeiros primeiros habitantes da região, e a compreensão de suas características é essencial para se entender o processo de ocupação e a formação histórica do sertão nordestino.

▪ Presença indígena no sertão de Alagoas

A região do médio e alto São Francisco, onde Pão de Açúcar está inserido, era ocupada por grupos como os Xocós, Karuazu, Jatobás, entre outros. Esses povos viviam da pesca, da caça, do extrativismo e da agricultura de subsistência, cultivando principalmente milho, mandioca e feijão. O rio São Francisco, com sua fartura de peixes e suas margens férteis, era fundamental para a sobrevivência desses grupos.

As aldeias indígenas geralmente se localizavam próximas a cursos d'água e eram compostas por malocas coletivas, onde a vida comunitária se desenrolava sob códigos sociais próprios. O sistema de organização era tribal, com lideranças exercidas por caciques e pajés, que tinham grande importância espiritual e política.

► O impacto da chegada dos colonizadores

A partir do século XVII, com a expansão da colonização portuguesa rumo ao interior, esses povos passaram a sofrer forte pressão. Os colonizadores viam os indígenas tanto como obstáculo à ocupação da terra quanto como possível mão de obra. Essa visão utilitarista resultou em inúmeros conflitos, aprisionamentos e massacres.

Com a instalação de fazendas e a abertura de rotas comerciais, os colonizadores passaram a ocupar sistematicamente as terras indígenas. Muitas vezes, aldeias inteiras eram destruídas, e os nativos forçados a migrar ou a se submeter ao trabalho compulsório.

As reações indígenas variavam conforme a intensidade do contato e o grau de agressão:

- Em algumas regiões, houve confrontos diretos, com levantes e emboscadas contra tropas portuguesas.
- Em outras, os indígenas buscaram refúgio em áreas mais isoladas, afastando-se do contato com os brancos.
- Houve também casos de aproximação estratégica, por meio da aceitação provisória de missões religiosas, para evitar represálias maiores.

► Missões religiosas e o aldeamento indígena

As ordens religiosas, principalmente os jesuítas e franciscanos, desempenharam papel relevante no processo de contato com os indígenas. Os missionários buscavam catequizar os nativos, convertendo-os à fé católica e inserindo-os no modo de vida europeu-cristão. Com isso, criaram-se os aldeamentos ou “missões”, que funcionavam como núcleos organizados sob controle religioso e administrativo.

Nos aldeamentos, os indígenas aprendiam o português, adotavam o catolicismo e passavam a viver segundo os padrões de trabalho e convivência impostos pelos missionários. Apesar

do objetivo de “civilização” atribuído a essas missões, na prática houve acentuada perda de identidade cultural e imposição de valores alheios às tradições indígenas.

Esses aldeamentos acabaram por cumprir também uma função estratégica para a Coroa portuguesa: facilitavam a ocupação do território, organizavam a mão de obra e promoviam a assimilação forçada dos povos nativos.

► A resistência indígena e suas estratégias

A resistência dos povos indígenas ao domínio colonial foi diversa e persistente. Não se tratou apenas de resistência armada, mas também de resistência cultural e simbólica. Mesmo após o contato com os colonizadores, muitos grupos procuraram preservar seus costumes, idiomas e práticas religiosas em segredo, ou adaptá-las discretamente à nova realidade.

Outras formas de resistência incluíam:

- A fuga para áreas mais remotas, como matas e serras de difícil acesso.
- A formação de alianças intertribais para enfrentar os colonizadores.
- A rejeição às práticas religiosas impostas, mantendo tradições espirituais próprias.

Muitas dessas estratégias permitiram a sobrevivência de certos grupos até os dias atuais, como os Xocós, que ainda habitam áreas próximas ao rio São Francisco, especialmente na região de Porto da Folha, em Sergipe, próximo à divisa com Alagoas.

► Legado indígena na cultura regional

Apesar da violência e da marginalização histórica, os povos indígenas deixaram marcas profundas na cultura do sertão nordestino, inclusive na região de Pão de Açúcar. Essa presença pode ser percebida:

- Na toponímia (nomes de rios, serras e localidades com origem tupi).
- No vocabulário regional (com palavras indígenas integradas ao português).
- Em práticas de agricultura e alimentação.
- Em conhecimentos sobre plantas medicinais e técnicas de sobrevivência no semiárido.

O reconhecimento desse legado é fundamental para resgatar a história silenciada dos primeiros habitantes da região e para valorizar sua contribuição na formação da identidade sertaneja.

O encontro entre os povos indígenas e os colonizadores portugueses no sertão nordestino foi marcado por conflitos, imposições e resistências. A história da ocupação de Pão de Açúcar e de outras localidades da região não pode ser contada sem a menção dos povos originários que ali viviam muito antes da chegada dos europeus.

Compreender essas raízes é essencial não apenas para fins acadêmicos e históricos, mas também como ato de justiça histórica diante de um processo de colonização que, embora tenha moldado o território, também promoveu o apagamento de culturas milenares.

FORMAÇÃO DOS PRIMEIROS NÚCLEOS DE POVOAMENTO

A formação dos primeiros núcleos de povoamento na região de Pão de Açúcar está diretamente ligada ao processo de interiorização da colonização no Nordeste brasileiro. Esse movimento

INFORMÁTICA

CONCEITOS BÁSICOS DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

A informática, ou ciência da computação, é a área dedicada ao processamento automático da informação por meio de sistemas computacionais. Seu nome, derivado da fusão das palavras “informação” e “automática”, reflete o objetivo principal: utilizar computadores e algoritmos para tratar, armazenar e transmitir dados de forma eficiente e precisa.

A evolução da informática começou com dispositivos de cálculo simples, como o ábaco, e avançou significativamente ao longo dos séculos. No século 17, Blaise Pascal criou a Pascaline, uma das primeiras calculadoras mecânicas. Já no século 19, Charles Babbage projetou a Máquina Analítica, precursora dos computadores modernos. Ada Lovelace, sua colaboradora, escreveu o primeiro algoritmo destinado a ser executado por uma máquina, tornando-se a primeira programadora da história.

No século 20, a informática passou por transformações revolucionárias. Surgiram os primeiros computadores eletrônicos, como o ENIAC, que usava válvulas para realizar cálculos em grande velocidade. A invenção do transistor e dos circuitos integrados possibilitou a criação de computadores menores e mais rápidos, e, com a chegada dos microprocessadores, os computadores pessoais começaram a ser popularizar.

Hoje, a informática permeia praticamente todos os aspectos da vida cotidiana, desde smartphones até sistemas avançados de inteligência artificial. A área segue em constante inovação, impulsionando mudanças significativas em como nos comunicamos, trabalhamos e interagimos com o mundo ao nosso redor.

Fundamentos de Informática

– **Computador:** é uma máquina capaz de receber, armazenar, processar e transmitir informações. Os computadores modernos são compostos por hardware (componentes físicos, como processador, memória, disco rígido) e software (programas e sistemas operacionais).

– **Hardware e Software:** hardware refere-se aos componentes físicos do computador, enquanto o software refere-se aos programas e aplicativos que controlam o hardware e permitem a execução de tarefas.

– **Sistema Operacional:** é um software fundamental que controla o funcionamento do computador e fornece uma interface entre o hardware e os programas. Exemplos de sistemas operacionais incluem Windows, macOS, Linux, iOS e Android.

– **Periféricos:** são dispositivos externos conectados ao computador que complementam suas funcionalidades, como teclado, mouse, monitor, impressora, scanner, alto-falantes, entre outros.

– **Armazenamento de Dados:** refere-se aos dispositivos de armazenamento utilizados para guardar informações, como discos rígidos (HDs), unidades de estado sólido (SSDs), pen drives, cartões de memória, entre outros.

– **Redes de Computadores:** são sistemas que permitem a comunicação entre computadores e dispositivos, permitindo o compartilhamento de recursos e informações. Exemplos incluem a Internet, redes locais (LANs) e redes sem fio (Wi-Fi).

– **Segurança da Informação:** Refere-se às medidas e práticas utilizadas para proteger os dados e sistemas de computadores contra acesso não autorizado, roubo, danos e outros tipos de ameaças.

Tipos de computadores

– **Desktops:** são computadores pessoais projetados para uso em um único local, geralmente composto por uma torre ou gabinete que contém os componentes principais, como processador, memória e disco rígido, conectados a um monitor, teclado e mouse.

– **Laptops (Notebooks):** são computadores portáteis compactos que oferecem as mesmas funcionalidades de um desktop, mas são projetados para facilitar o transporte e o uso em diferentes locais.

– **Tablets:** são dispositivos portáteis com tela sensível ao toque, menores e mais leves que laptops, projetados principalmente para consumo de conteúdo, como navegação na web, leitura de livros eletrônicos e reprodução de mídia.

– **Smartphones:** são dispositivos móveis com capacidades de computação avançadas, incluindo acesso à Internet, aplicativos de produtividade, câmeras de alta resolução, entre outros.

– **Servidores:** são computadores projetados para fornecer serviços e recursos a outros computadores em uma rede, como armazenamento de dados, hospedagem de sites, processamento de e-mails, entre outros.

– **Mainframes:** são computadores de grande porte projetados para lidar com volumes massivos de dados e processamento de transações em ambientes corporativos e institucionais, como bancos, companhias aéreas e agências governamentais.

– **Supercomputadores:** são os computadores mais poderosos e avançados, projetados para lidar com cálculos complexos e intensivos em dados, geralmente usados em pesquisa científica, modelagem climática, simulações e análise de dados.

COMPONENTES DE HARDWARE E SOFTWARE DE COMPUTADORES E SUAS CARACTERÍSTICAS

HARDWARE

O hardware são as partes físicas de um computador. Isso inclui a Unidade Central de Processamento (CPU), unidades de armazenamento, placas mãe, placas de vídeo, memória, etc.. Outras partes extras chamados componentes ou dispositivos periféricos incluem o mouse, impressoras, modems, scanners, câmeras, etc.

Para que todos esses componentes sejam usados apropriadamente dentro de um computador, é necessário que a funcionalidade de cada um dos componentes seja traduzida para algo prático. Surge então a função do sistema operacional, que faz o intermédio desses componentes até sua função final, como, por exemplo, processar os cálculos na CPU que resultam em uma imagem no monitor, processar os sons de um arquivo MP3 e mandar para a placa de som do seu computador, etc. Dentro do sistema operacional você ainda terá os programas, que dão funcionalidades diferentes ao computador.

Gabinete

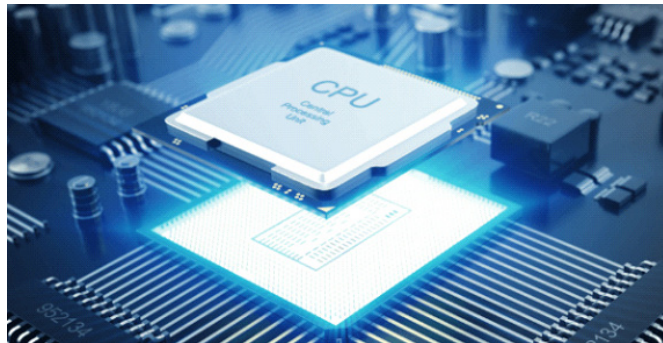
Também conhecido como torre ou caixa, é a estrutura que abriga os componentes principais de um computador, como a placa-mãe, processador, memória RAM, e outros dispositivos internos. Serve para proteger e organizar esses componentes, além de facilitar a ventilação.



Gabinete

Processador ou CPU (Unidade de Processamento Central)

É o cérebro de um computador. É a base sobre a qual é construída a estrutura de um computador. Uma CPU funciona, basicamente, como uma calculadora. Os programas enviam cálculos para o CPU, que tem um sistema próprio de “fila” para fazer os cálculos mais importantes primeiro, e separar também os cálculos entre os núcleos de um computador. O resultado desses cálculos é traduzido em uma ação concreta, como por exemplo, aplicar uma edição em uma imagem, escrever um texto e as letras aparecerem no monitor do PC, etc. A velocidade de um processador está relacionada à velocidade com que a CPU é capaz de fazer os cálculos.



CPU

Cooler

Quando cada parte de um computador realiza uma tarefa, elas usam eletricidade. Essa eletricidade usada tem como uma consequência a geração de calor, que deve ser dissipado para que o computador continue funcionando sem problemas e sem engasgos no desempenho. Os coolers e ventoinhas são responsáveis por promover uma circulação de ar dentro da case do CPU. Essa circulação de ar provoca uma troca de temperatura entre o processador e o ar que ali está passando. Essa troca de temperatura provoca o resfriamento dos componentes do computador, mantendo seu funcionamento intacto e prolongando a vida útil das peças.



Cooler

Placa-mãe

Se o CPU é o cérebro de um computador, a placa-mãe é o esqueleto. A placa mãe é responsável por organizar a distribuição dos cálculos para o CPU, conectando todos os outros componentes externos e internos ao processador. Ela também é responsável por enviar os resultados dos cálculos para seus devidos destinos. Uma placa mãe pode ser on-board, ou seja, com componentes como placas de som e placas de vídeo fazendo parte da própria placa mãe, ou off-board, com todos os componentes sendo conectados a ela.

CONHECIMENTOS DIDÁTICO -PEDAGÓGICOS

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO, DA APRENDIZAGEM E DO DESENVOLVIMENTO, INCLUINDO NEUROCIÊNCIA

— Introdução

A Psicologia da Educação estuda o comportamento do ser humano no ambiente educacional, na busca pela compreensão acerca do funcionamento do processo de ensino e aprendizagem e no aprofundamento da investigação sobre as dificuldades de aprendizagem, criando ferramentas e estratégias com a finalidade de melhorar os processos de ensino, orientando professores e promovendo a inclusão.

— Comportamentalismo

O Comportamentalismo (Behaviorismo) é uma teoria psicológica baseada no estudo do comportamento humano a partir de estímulos, buscando entender a forma de resposta a esses estímulos, dentro do contexto em que o indivíduo está inserido. Podemos, portanto, destacar três aspectos centrais dessa teoria:

- 1 – Ênfase no indivíduo;
- 2 – Atenção ao comportamento organizacional e nos processos de trabalho;
- 3 – O estudo comportamental.

Assim, a aprendizagem é definida como uma mudança de comportamento que se dá em resposta a estímulos ambientais. Esses estímulos podem ser positivos ou negativos.

Os estímulos positivos, também chamados de “recompensas”, possibilitam a criação de associações positivas entre a “recompensa” e um determinado comportamento, levando-o à repetição da ação.

Já os estímulos negativos ou “castigos”, provocam o efeito contrário, fazendo com que o indivíduo evite repetir essas ações, a partir da associação de certos comportamentos com tais estímulos.

— Cognitivismo

Diferentemente do Comportamentalismo, que estabelece certa semelhança entre seres humanos e outros animais, nos processos de aquisição de comportamentos a partir de estímulos, o Cognitivismo analisa os humanos como seres racionais, diferentes dos outros animais. Assim, essa teoria explora as complexidades da mente humana no processamento de informações, estabelecendo o comportamento como resultado do pensamento.

Dessa forma, a aprendizagem é considerada resultado das atividades mentais (pensamento, conhecimento, memória, motivação, reflexão e resolução de problemas), sendo avaliada através da demonstração de conhecimento e da compreensão.

— Gestalt

O termo, de origem alemã, significa “forma total” e está relacionado ao modo através do qual, percebemos as coisas. Nesse contexto, os processos de desenvolvimento e aprendizagem são entendidos como resultado do amadurecimento do sistema nervoso e das estruturas sensoriais do indivíduo que gradativamente, permitem o aumento de sua capacidade perceptora, podendo contribuir para auxiliar o professor na organização dos estímulos, facilitando o processo de percepção.

— Construtivismo

A escola construtivista baseia-se na criação de informações subjetivas por parte do aluno, a partir de sua própria interpretação do mundo, provocando a reestruturação de seu pensamento.

Desse modo, pode-se entender que o construtivismo adota uma abordagem focada no aluno, enquanto o professor assume o papel de guia do processo de aprendizagem.

A aprendizagem, na escola construtivista, é entendida como um processo de crescimento intelectual, baseado no conhecimento prévio do aluno e na aquisição de novos conhecimentos, adquiridos por meio das vivências e interpretações que ele estabelece com o meio à sua volta.

Dentro da abordagem construtivista, destacam-se duas vertentes: o **Construtivismo Social** e o **Cognitivo**, também chamado de **Neoconstrutivismo**. O primeiro, acredita que os alunos formulam suas hipóteses sobre o ambiente e as testam através de negociações sociais. Enquanto o **Construtivismo Cognitivo** ou **Neoconstrutivismo** se interessa pelo processo como ocorre a construção das hipóteses e da geração do conhecimento.

— Condutivismo

O Condutivismo baseia-se no Comportamentalismo ou Behaviorismo, que defende o controle dos comportamentos, portanto das **condutas** adotadas frente a associações estabelecidas com estímulos positivos ou negativos, de forma que os positivos incentivem a repetição das **condutas**, enquanto os negativos, inibam essa repetição.

— Inteligências Múltiplas

A teoria das Inteligências Múltiplas defende que o ser humano é capaz de desenvolver nove tipos de inteligências, porém, nem todos desenvolvem todas elas. Em geral, observa-se o desenvolvimento de uma ou duas. Através das Inteligências Múltiplas é possível retratar os vários comportamentos pelos quais as pessoas expõem suas habilidades de cognição. A tabela abaixo, apresenta os nove tipos de inteligência e suas características:

Tipo de Inteligência	Característica
Lógico-Matemática	Cálculos e raciocínio lógico.
Linguística	Aptidão para aprender idiomas e habilidades comunicativas.
Espacial	Compreender e elaborar imagens.
Físico-Cinestésica	Percepção e execução de movimentos corporais.
Interpessoal	Habilidades de oratória, compreensão e argumentação.
Intrapessoal	Capacidade de elaborar pensamentos, autoconhecimento.
Musical	Aprender a ler e compor música, aprender a tocar um instrumento.
Naturalista	Relacionar-se com a natureza, plantas e animais.
Existencialista	Relacionar-se com questões relativas à natureza humana e a existência.

— Inteligência Emocional

A Inteligência Emocional se desenvolve a partir das competências relacionadas a lidar com as emoções. Dentre elas, pode-se citar as **soft skills**, que tratam das interações estabelecidas entre as pessoas. A popularização da Inteligência Emocional se deu por intermédio do psicólogo inglês Daniel Goleman que descreveu-a como sendo a capacidade de gerenciamento das emoções, essencial para o desenvolvimento da inteligência de um indivíduo, contribuindo, inclusive, para um melhor desempenho profissional. O modelo de Goleman baseia-se em cinco pilares:

- **Autoconsciência:** capacidade de reconhecer as próprias emoções.
- **Autorregulação:** capacidade de lidar com as próprias emoções.
- **Automotivação:** capacidade de se motivar e de se manter motivado.
- **Empatia:** capacidade de enxergar as situações pela perspectiva dos outros.
- **Habilidades sociais:** conjunto de capacidades envolvidas na interação social.

— Teoria da Aprendizagem Significativa

O entendimento dos processos de aprendizagem modificou a formatação dos currículos que, mais do que a listagem dos conteúdos a serem trabalhados, hoje contempla também a determinação das metodologias mais adequadas a serem empregadas, de modo que atribuam a eles significância em relação ao contexto social que o aluno se insere, com objetivos que visam a formação ética, reflexiva e humanizada.

Assim, essa formação só é possível quando “os estudantes produzem sentidos e significados acerca de suas aprendizagens, de maneira contextualizada e protagonista, levando em conta o conhecimento prévio que trazem da esfera escolar e para além dela, aspectos que se observam na leitura dos relatos de prática dos professores.” (BNCC)

— Aprendizado Experimental

O Aprendizado Experiencial é um método pedagógico que utiliza experiências para possibilitar a aprendizagem, permitindo que o aluno vivencie na prática o objeto de estudo, atribuindo maior significância ao que se aprende. Essa metodologia é baseada nos seguintes fundamentos:

- 1 – Aprender na prática.
- 2 – Mudança no papel do professor, que deixa de ser o detentor do conhecimento e se torna um facilitador nas experiências dos alunos, os guiando para que possam chegar a resultados satisfatórios.
- 3 – Capacidade de replicar o conhecimento.
- 4 – Compreender os processos, além de teorias e conceitos abstratos.
- 5 – Utilizar diversas formas de aprender.

Aprendizado Situado

O Aprendizado Situado pode ser entendido como uma metodologia que utiliza a experimentação em grupos, dentro do contexto social dos indivíduos, de modo a desenvolver uma aprendizagem significativa através de um processo de protagonismo dos alunos, permitindo a troca de conhecimento entre os membros do grupo, a partir da vivência adquirida.

Nesse contexto, é importante que se destaque três aspectos fundamentais do aprendizado classificado como situado:

- 1 – Remete a pensamentos e ações das pessoas que acontecem em um mesmo espaço e tempo;
- 2 – Refere-se a práticas sociais que envolvem a participação de outras pessoas;
- 3 – Está atrelado a contextos sociais que funcionam como fonte de significados e conhecimentos.

— Psicanálise e Psicologia histórico-cultural

A psicologia histórico-cultural trabalha como a formação da consciência a partir das relações sociais. Com isso, se objetiva a aproximação entre o aluno e o objeto do conhecimento através de elementos pertencentes ao cotidiano dele, promovendo uma aprendizagem efetiva.

Nesse contexto, fica o professor responsável por mediar a interação entre o aluno e o objeto de conhecimento, democratizando o processo de ensino, descentralizando-o de sua figura, enquanto detentor do saber.

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

A psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem é uma área central nos estudos educacionais, pois busca compreender os processos pelos quais os indivíduos se desenvolvem física, emocional, cognitiva e socialmente, além de explicar como ocorre o aprendizado ao longo da vida. Essa área de estudo, originada na interseção entre psicologia e educação, fornece bases teóricas

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor de Educação Infantil e do 1º ao 5º ano

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS DAS ÁREAS CURRICULARES: LÍNGUA PORTUGUESA: DESENVOLVIMENTO DA LEITURA, ORALIDADE E PRODUÇÃO TEXTUAL; ENSINO DA GRAMÁTICA EM CONTEXTO; GÊNEROS TEXTUAIS

Desenvolvimento da Leitura, Oralidade e Produção Textual

A importância da leitura no processo de aprendizagem

O desenvolvimento da leitura é um dos pilares fundamentais da alfabetização e do letramento na Educação Básica. Mais do que decodificar palavras, ler implica compreender, interpretar, inferir e refletir criticamente sobre os textos. A leitura, nesse sentido, é uma prática social que permite ao sujeito interagir com o mundo, construir significados e posicionar-se diante das informações.

A BNCC destaca a leitura como uma competência geral da educação básica: “Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética” (BNCC, 2017). Entre as competências específicas de Língua Portuguesa, enfatiza-se o trabalho com múltiplas formas de leitura, em diversos suportes e mídias, com foco na diversidade de gêneros e nas múltiplas semioses (verbal, visual, sonora).

Principais estratégias de leitura:

- Antecipação: ativação de conhecimentos prévios para formular hipóteses sobre o texto.
- Inferência: leitura “entrelinhas”, buscando sentidos implícitos.
- Verificação e ajuste de hipóteses: leitura crítica com base no confronto de informações textuais e extratextuais.
- Releitura e síntese: retomada do texto para aprofundamento e reorganização do sentido.

A leitura deve ser trabalhada de forma sistemática, com práticas regulares e significativas, respeitando os níveis de proficiência dos estudantes. Projetos de leitura, rodas de conversa literária e trabalho com gêneros variados (crônicas, reportagens, contos, tirinhas, infográficos) são estratégias potentes para desenvolver essa competência.

Oralidade na sala de aula

A oralidade é uma competência essencial para a vida em sociedade e também constitui um objeto de ensino. A diferença entre a linguagem oral e escrita não reside apenas no canal, mas nas condições de produção, no grau de planejamento e na finalidade comunicativa.

Na escola, ensinar oralidade não significa apenas permitir que os alunos falem, mas criar condições para que desenvolvam competências como:

- Escutar com atenção.
- Tomar a palavra em contextos de interação.
- Argumentar com clareza e coerência.
- Utilizar recursos verbais e não verbais.

A BNCC propõe, desde os Anos Iniciais, o trabalho com gêneros orais como entrevistas, debates, seminários e apresentações. Esses gêneros devem ser abordados com base em sequências didáticas que contemplem planejamento, ensaio, execução e avaliação da performance oral.

Exemplos de atividades:

- Dramatizações de histórias lidas.
- Apresentações orais com apoio de slides ou cartazes.
- Podcasts produzidos pelos alunos sobre temas de interesse.
- Jogos de escuta ativa e recontos orais.

Produção textual: prática social e ensino

A produção textual no contexto escolar deve ser concebida como um processo e não como um produto isolado. Envolve planejamento, escrita, revisão e reescrita, etapas que devem ser acompanhadas pelo professor com intervenções adequadas. A escrita é vista como uma forma de agir na sociedade, sendo orientada por práticas sociais e gêneros discursivos.

A abordagem por gêneros textuais, conforme os estudos de Bakhtin e os referenciais da didática dos gêneros de Dolz e Schneuwly, propõe que a produção escrita seja situada, com finalidade comunicativa e destinatário definidos.

Fases do processo de produção:

1. Planejamento: levantamento de ideias, definição do gênero, objetivos e público-alvo.
2. Escrita: elaboração da primeira versão do texto.
3. Revisão: leitura crítica individual e coletiva, com foco em aspectos discursivos, linguísticos e normativos.
4. Reescrita: elaboração da versão final com base nas correções sugeridas.

A avaliação da produção textual deve considerar critérios como adequação ao gênero, coesão e coerência, ortografia, pontuação, além da progressão e ampliação da capacidade expressiva do aluno.

Ensino da Gramática em Contexto

A gramática tradicional, de base normativa, caracteriza-se por apresentar a língua como um sistema fixo de regras que devem ser obedecidas para garantir o “bom uso” da linguagem. Essa abordagem, embora ainda amplamente difundida em materiais didáticos e práticas escolares, tem sido criticada por seu caráter prescritivo e descontextualizado, distante do uso real da língua em situações comunicativas autênticas.

Do ponto de vista educacional, a aplicação exclusiva da gramática normativa pode levar ao ensino mecânico, voltado à memorização de regras e exceções, em detrimento da reflexão crítica sobre o funcionamento da língua. Como resultado, muitos alunos decoram classificações morfosintáticas sem compreender como elas se aplicam nos textos que leem ou produzem.

A crítica central à gramática tradicional, portanto, está em seu afastamento das práticas sociais de linguagem, não promovendo o letramento nem a competência comunicativa dos estudantes.

Gramática no texto: uso e reflexão

Ensinar gramática em contexto significa trabalhar os elementos gramaticais a partir de situações reais de uso da língua, observando como eles contribuem para a construção de sentido nos textos. Nessa perspectiva, o estudo gramatical se torna um meio de aperfeiçoar a leitura e a produção textual, e não um fim em si mesmo.

A BNCC recomenda uma abordagem que articule a análise linguística aos processos de leitura e produção textual. Isso envolve, por exemplo:

- Compreender o papel da pontuação na organização das ideias em um texto.
- Refletir sobre as formas de coesão referencial (uso de pronomes, elipses, sinônimos) na progressão textual.
- Analisar a concordância verbal em enunciados ambíguos para promover clareza.
- Identificar efeitos de sentido provocados por tempos e modos verbais em diferentes gêneros.

Essa proposta aproxima-se da chamada gramática do uso, na qual a língua é compreendida como instrumento de interação e os aspectos gramaticais são estudados em sua função comunicativa.

Abordagens contemporâneas e práticas didáticas

Uma das abordagens mais influentes no ensino contemporâneo de gramática é a proposta de análise linguística articulada aos gêneros textuais. Essa proposta, defendida por autores como Irandé Antunes e Sírio Possenti, defende que a gramática deve ser ensinada de forma indutiva, a partir de textos reais, incentivando o aluno a perceber regularidades, formular hipóteses e compreender regras pela observação do uso.

Princípios dessa abordagem:

- A língua é heterogênea e varia de acordo com contexto, finalidade e interlocutor.
- A norma padrão é uma das variedades possíveis, mas não a única legítima.
- O ensino da gramática deve respeitar a diversidade linguística e promover a valorização das diferentes variedades do português.

Exemplo prático:

Ao trabalhar o gênero “notícia”, o professor pode explorar a função da ordem direta dos termos da oração (sujeito-verbo-complemento) na clareza da informação. A partir disso, pode discutir estruturas de voz ativa e passiva, tempo verbal e uso de conectores temporais.

Outro exemplo seria o estudo da pontuação por meio da leitura de crônicas ou tirinhas, discutindo como o uso da vírgula, das reticências e dos travessões afeta o ritmo e o humor do texto.

Instrumentos didáticos recomendados:

- Sequências didáticas com foco em gêneros textuais.
- Projetos interdisciplinares com análise linguística aplicada.
- Oficinas de reescrita com foco na revisão gramatical.
- Atividades de retextualização que mobilizem estruturas gramaticais.

Gramática na legislação educacional

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta que o ensino de Língua Portuguesa contemple, entre outros campos de atuação, o campo artístico-literário e o campo das práticas de estudo e pesquisa, nos quais o trabalho com a gramática se integra à compreensão de textos e à produção escrita.

A BNCC apresenta a análise linguística/semiótica como uma das unidades estruturantes, com objetivos como:

- (EF06LP05): Identificar o efeito de sentido produzido pelo uso da pontuação e de conectores em textos diversos.
- (EF07LP12): Analisar o efeito de sentido do uso da voz ativa e passiva em textos de diferentes gêneros.
- (EF08LP17): Compreender os efeitos de sentido produzidos por tempos e modos verbais.

Portanto, o ensino da gramática em contexto contribui não apenas para o domínio da norma culta, mas para o desenvolvimento da competência linguística e discursiva, preparando o aluno para atuar com autonomia em diversas esferas sociais.

Gêneros Textuais

Tipologia textual e gêneros discursivos

O estudo dos gêneros textuais (ou gêneros discursivos, na terminologia de Bakhtin) constitui um eixo fundamental do ensino de Língua Portuguesa contemporâneo. Gêneros são formas relativamente estáveis de enunciado, organizadas em função de finalidades comunicativas, interlocutores, suportes e contextos de circulação.

É importante distinguir tipo textual de gênero textual:

- Tipos textuais referem-se à estrutura global do texto, com base na organização interna: narrativo, descritivo, expositivo, injuntivo e argumentativo.
- Gêneros textuais são manifestações concretas da linguagem em uso: carta, notícia, resenha, e-mail, receita, propaganda, entre outros. Cada gênero pode conter diferentes tipos textuais em sua composição.

Exemplo: uma reportagem pode conter trechos narrativos, descritivos e argumentativos, mas pertence ao gênero “reportagem”.

Gêneros textuais na BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) organiza o ensino de Língua Portuguesa com base em quatro práticas de linguagem: leitura, escuta, produção, análise linguística e oralidade. A abordagem por gêneros permeia todas essas práticas.